

Arqueologia

Museu aberto

Florianópolis preserva inscrições pré-históricas

Na costa de Santa Catarina há inscrições rupestres pré-históricas, únicas no litoral do país. Os desenhos foram gravados na rocha com instrumentos de pedra, sem o uso de nenhum tipo de tinta. Visualmente intrigantes e importantes como informação científica, dezenas dessas inscrições encontram-se em costões à beira-mar numa faixa de cerca de 100 quilômetros. Tudo muito bonito, mas como preservá-las? A resposta veio com a criação do primeiro museu arqueológico ao ar livre do Brasil, na Praia do Santinho, a 40 quilômetros do centro de Florianópolis. O museu fica no morro próximo à praia e abriga dois sítios arqueológicos, ao longo de 500 metros. Um dos sítios é formado por desenhos geométricos cravados na rocha e o outro por "oficinas líticas", locais onde os artistas fabricavam e afiavam seus instrumentos feitos de pedra.

O acesso aos sítios se dá por passarelas de madeira e trilhas calçadas com pedras. O grande mérito do museu foi ter criado uma forma de proteção aos desenhos que não impede sua apreciação e interfere pouco na paisagem. Estruturas de madeira sustentam vários fios de náilon, cuja função é fazer sombra às gravuras. "A variação da temperatura entre o dia e a noite faz a rocha descamar e é um dos principais problemas para a conservação do material. Com os fios, reduzimos essa variação em cerca de 5 graus", diz o superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, Dalmo Vieira Filho. Os especialistas não sabem precisar a data das inscrições. "Como não foram utilizados pigmentos nem material orgânico algum, a datação é quase impossível", explica a arqueóloga Fabiana Comerlato. Os estudos, porém, levam os pesqui-



Passarelas e fios de náilon para proteger os desenhos geométricos: resquícios dos primeiros habitantes da ilha



FOTOS TARCISIO MATOS/TEMPO

sadores a crer que elas foram feitas pelos primeiros habitantes da Ilha de Santa Catarina, um grupo de pescadores coletores que viveu ali entre 3 000 e 5 000 anos atrás. ■

Rachel Verano, de Florianópolis